

Jazz
1 Outubro '09

Henri Texier Strada Quintet

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone alto, clarinete alto, clarinete Sébastien Texier
Guitarra Manu Codjia
Contrabaixo Henri Texier
Bateria Christophe Marguet
Saxofones soprano e barítono François Corneloup

Qui 1 de Outubro
Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h30 · M12

O jazz ecuménico de Henri Texier

Entre os países europeus que mais apaixonadamente acolheram os primeiros sons do jazz chegados ao Velho Continente a partir do Novo Mundo, sem dúvida que a França ocupa um lugar privilegiado, não apenas em termos da recepção entusiástica que lhe conferiu mas ainda quanto à disseminação da sua prática musical e ao rigor e aprofundamento do seu estudo teórico e musicológico.

Basta pensarmos no papel desempenhado, entre tantos outros, por um Charles Delaunay (de certo modo, o Luiz Villas-Boas da cena francesa do jazz), reputado crítico e publicista, fundador e dinamizador do Hot Clube de France, da editora discográfica Vogue ou da revista *Jazz Hot* – criada em 1934, apenas quatro meses (!) após a publicação do primeiro número da revista norte-americana *Down Beat* – para avaliarmos a justeza daquela afirmação.

Mas já anteriormente, compositores pertencentes ao domínio da música erudita – como Darius Milhaud ou Igor Stravinsky (então radicado em França), para apenas referir estes – haviam encontrado no jazz uma fonte inesgotável e a insinuante inspiração para a apropriação de peculiaridades rítmicas, inovações tímbricas e instrumentais ou inflexões expressivas. E uma pedagoga tão importante como Nadia Boulanger referira-se, em 1928, à “maturação de uma música americana que não é uma pura imitação da música francesa ou uma reformulação da música russa ou um arremedo da música alemã; mas uma música que se distingue por ser

americana, exprimindo o pensamento americano e a alma americana (...) a música nascida do jazz.”

Não admira, por isso, que na área da investigação da música afro-americana, a França tenha dado os primeiros passos desde muito cedo; ou que um autor por sinal francês, o belga Robert Goffin, tenha escrito *Aux Frontières du Jazz* (1932) considerado o primeiro estudo sério sobre o jazz escrito em qualquer língua.

Também não é de estranhar que a França (a par de países nórdicos, como a Dinamarca, a Holanda ou a Suécia) tenha acolhido os primeiros músicos americanos de jazz (em particular os afro-americanos) como artistas de corpo inteiro, proporcionando-lhes trabalho, facultando-lhes guarida e consideração social, apreciando-lhes a sua música como verdadeira arte. Decorre daqui, com naturalidade, que o Ministério da Cultura francês tenha por exemplo galardoado Dexter Gordon como “Chevalier de L’Ordre des Arts et des Lettres” ou que o Estado francês tenha atribuído a “Légion d’Honneur”, a sua mais alta condecoração civil, a Miles Davis.

Não sendo aqui nem o tempo nem o lugar para elaborar demasiado sobre a história e a evolução desta aproximação entre dois mundos musicais e culturais tão diversos, estas primeiras palavras vêm apesar de tudo bem a propósito do músico que dirigirá o seu quinteto Strada no concerto desta noite: o contrabaixista Henri Texier, sem dúvida uma personalidade histórica do jazz francês e cujas primeiras andanças pude pessoalmente testemunhar em periódicas deambulações pelos clubes e caves parisienses nos gloriosos anos de

1960, descobrindo-o ao lado de outros históricos como Daniel Humair, Bernard Vitet, Jean-Louis Chautemps, René Urtreger, Pierre Michelot, Martial Solal, Roger Guérin, François Jeanneau ou Michel Portal.

Tal como pode consultar-se noutra local desta folha de sala, a extensa e riquíssima biografia de Henri Texier fala por si e deixa perceber como ele esteve presente nos momentos essenciais da evolução do jazz no seu país e em estreita colaboração com os maiores mestres internacionais de todo o jazz.

Sendo certo que, nos primeiros tempos do jazz europeu, o modelo ideal ao qual os músicos aspiravam era naturalmente muito influenciado e mesmo decalcado do modelo norte-americano, cedo se verificou ser impossível que o peso específico da cultura europeia, a diversificação das tradições nacionais e o ecumenismo do pensamento progressista, tão ligado ao jazz, não interferissem de forma nitida na criação de uma linguagem jazzística diversa, com características próprias e muito díspares, nos melhores casos se tornando verdadeiro complemento, quando não alternativa, à norma jazzística importada dos EUA, o que só abona em favor de uma criativa independência e largueza de vistas e corresponde por inteiro à ideia de miscegenação e apropriação que está na génese do próprio jazz.

O exemplo paradigmático de Henri Texier torna-se também interessante e adequa-se à análise do seu percurso musical e de uma prática que se insere nas correntes mais sérias e menos esotéricas, desviantes e oportunistas do jazz e da música improvisada europeia, como instrumentista de primeira água e senhor

de uma cultura musical e jazzística a toda a prova, para além de cidadão solidário e empenhado na transformação da sociedade, aspectos valorativos de um trajecto que, em termos musicais, transpõe de uma discografia abundante e distinta e sem dúvida se reflectirá neste concerto.

Na realidade, desde há muito que os projectos musicais de Henri Texier vêm sendo caracterizados por temáticas musicais bem abrangentes que, partindo de um enorme lastro cultural jazzístico acumulado, hoje se alargam a diversas paixões inspiradoras que nos remetem para outras paragens e para o quotidiano e o devir dos povos.

É essa cultura que sustenta a criação de um repertório diversificado e original pelo qual perpassam vários sinais da já riquíssima trajectória do jazz, desde a invocação neo-clássica da tradição e do jazz apoiado no tempo *swingado* até à irrupção dos momentos aleatórios da música livre e incidental, passando (e mesmo nelas se detendo) pela absorção das poliritmias das músicas populares do continente negro, da África oriental ao Magrebe, fruto das muitas digressões que, neste ou noutros contextos instrumentais, Henri Texier tem empreendido com os seus músicos nas últimas duas décadas, sem esquecer a presença sublimada (ou mesmo as fortes batidas rock) da música urbana da grande metrópole.

É muito provável que a sua intensa e estreita colaboração com o trompetista Don Cherry, nos anos de 1960, lhe tenha dado uma visão mais ampla dos próprios horizontes da música que o contrabaixo acabara de abraçar, revelando-lhe a direcção de uma espécie de world jazz. Mas também a

sua intervenção no cinema, enquanto compositor de bandas sonoras para longas-metragens e documentários – em particular pelas temáticas abordadas em tais filmes – conferem ao jazz de Texier um carácter “programático” indissociável dessas temáticas, transmitindo-lhes um ambiente telúrico, ao mesmo tempo erudito e popular, na exigência e complexidade rítmica e harmónica das suas estruturas de raiz ou no insólito recorte das melopeias que ornamentam certas divagações melódicas.

É assim que se torna possível descobrir a cora no dedilhar de um contrabaixo ou o kissange no jogo percussivo das chaves de um clarinete, por entre a beleza tranquila e o canto quase infantil de certas peças evocativas ou sublinhando o desenvolvimento de longas improvisações imaginadas a partir de um aturado trabalho de composição escrita ou oralmente preestabelecida por Texier e seus companheiros.

Finalmente, e sem deixar de ter os pés bem assentes no terreno do jazz, não deixa de ser notória na música do grande instrumentista francês (como já teve a oportunidade de escrever a este propósito) a indução de outros sinais e fontes estéticas e ideológicas que nos remetem para o mundo criativo de outros dois contrabaixistas: por um lado, Charlie Mingus e a sua postura de questionamento do real e celebração da luta e, de uma outra maneira, a Liberation Music Orchestra de Charlie Haden e o significado ecuménico da sua música.

Para tal contribuem de um modo importante e decisivo os talentos, a invenção e o brilhantismo instrumental de Sébastien Texier (sax-alto e clarinetes), François Corneloup (sax-soprano

e barítono), Manu Codja (guitarra) e Christophe Marguet (bateria), que dão corpo com os seus contributos individuais à coesão colectiva do quinteto Strada, desta vez infelizmente marcado pela ausência forçada do trombonista Gueorgui Kornazov, por motivo de acidente grave.

Manuel Jorge Veloso
blog *O Sítio do Jazz*
Setembro, 2009

Henri Texier

contrabaixo

Nasceu em Paris, em 1945. Começou a estudar piano com 8 anos e aos 12 descobriu o jazz. Rapidamente abandonou o piano para se dedicar ao contrabaixo. Com 14 anos fez parte de uma orquestra amadora de Dixieland. Em 1962 ganhou um concurso de amadores e Jeff Gilson convidou-o para integrar a sua orquestra, onde tocavam os melhores músicos franceses daquele tempo, como Jean-Luc Ponty, Jean-Louis Chautemps, Michel Portal, François Jeanneau, entre muitos outros. Ao mesmo tempo, com apenas 20 anos, tocava nos clubes parisienses com grandes solistas americanos como Bud Powell, Kenny Clarke, Lee Konitz, Dexter Gordon, Art Taylor, Don Cherry e formou o seu próprio quinteto de *free jazz*. Em 1968 encontrou Phil Woods e integrou o seu quarteto European Rythm Machine com o qual se apresentou por toda a Europa e no Festival de Jazz de Newport. Logo a seguir criou, com Aldo Romano, o grupo Total Issue, de *progressive-rock*, acompanhou artistas de variedades, trabalhou com o trio de Jean-Luc Ponty e, a partir de 1976, apresenta-se a solo, utilizando, para além do contrabaixo, percussões, *oud*, flauta, baixo eléctrico, violoncelo, piano e voz.

Texier é um daqueles músicos que tocam jazz desde sempre mas que não se deixa prender a um único universo. Ao longo da sua longa e excepcional carreira – que não cabe aqui pormenorizar, tantos foram os projectos, as gravações, os grupos que liderou ou em que participou, os festivais e concertos

por todo o mundo – apaixonou-se pelas grandes músicas tradicionais africanas, indianas, do Magreb e célticas, explorou novos caminhos, cruzou o jazz com outras linguagens musicais, compôs e interpretou muita música para cinema, televisão, teatro, dança, poesia, circo, artes plásticas, fotografia.

Solista e compositor, Henri Texier reuniu à sua volta centenas de grupos e criadores de prestígio como, por exemplo, Paul Motion, Joe Lovano, Bob Brookmeyer, Dewey Redman, Kenny Wheeler, Steve Swallow, John Abercrombie, Bill Frisell, Louis Sclavis, Michel Portal, Jean-Pierre Drouet.

Durante a sua vida musical H. Texier percorreu a Europa, as Américas, toda a África, o Médio Oriente, Índia, Hong Kong, Japão, participando nos mais conceituados festivais de jazz do mundo. Gravou mais de cem discos, dos quais cerca de vinte como líder a solo.

Com o Sexteto La Strada gravou, em 2002, *Alerte à l'eau* e, em 2005, *(V)ivre*, ambos para a etiqueta Label Bleu.

O Sexteto apresentou-se em Portugal em 2006 no Festival de Portalegre (concerto considerado por vários críticos como o melhor do ano) e em 2007 no Jazz no Parque em Serralves.

Esta noite, por grave acidente do trombonista Gueorgui Kornazov, o grupo apresenta-se em quinteto.

Sébastien Texier

clarinetes, saxofone alto

Nasceu em 1974. Começou a aprender clarinete com 10 anos e aos 15 descobriu o saxofone alto. Estudou clarinete com Jacques Di Donato e trabalhou em improvisação com Patrice Quentin, Joe Lovano, Reggie Workman e Lee Konitz.

Já se apresentou em numerosos festivais, em Zagreb (Croácia), Rádio France, Marciac, Cité Jazz (na Cité de la Musique, em Paris), Viena, Rocella Jónica (Itália), Voss (Noruega), entre outros.

Participou na gravação da banda sonora de filmes (1993, 1994, 2001), ganhou o primeiro prémio com o trio de Christophe Marguet no famoso Concours de La Défense (Paris, 1995), sendo ainda distinguido com o primeiro prémio enquanto solista. Em 1997, o CD *Résistance Poétique* do trio de Marguet foi laureado com o prémio melhor grupo revelação francês no concurso Django d'Or em França. Gravou o seu primeiro disco como líder, *Chimères*, em 2004, tendo ganho o prémio “Nouveau Talent” dos Django d'Or de 2004 e recolhido críticas entusiásticas (a revista *Jazzman* distinguiu a gravação com um *Choc*).

Em 2007 formou um trio com Claude Tchamitchien (contrabaixo) e Sean Carpio (bateria), ao qual por vezes se junta Henri Texier, numa original formação com dois contrabaixos, uma bateria e um saxo alto.

Ao longo destes anos Sébastien Texier tem tocado com músicos como Bojan Zulfikarpazic (Bojan Z, como também é conhecido), François Corneloup, Gianluigi Trovesi, Didier Lockwood, Marc

Ducret, Aldo Romano, Paolo Fresu, Louis Sclavis, Steve Swallow, Richard Bona, Joe Lovano, entre outros. Participou em mais de onze CD's.

Manu Codjia

guitarra

Emmanuel Codjia nasceu em Chaumont, em 1975. Ainda criança iniciou-se no piano com a sua avó. Aos 10 anos entrou no Conservatório de Chaumont onde, depois de dois anos de guitarra clássica, descobriu o jazz através do seu professor François Arnold.

Com 18 anos parte para Paris. No Conservatório de Paris, uma instituição de elite, estudou com François Jeanneau, Jean-François Jenny-Clark, Hervé Sellin, Daniel Humair e François Théberge. Terminou os seus estudos em 1996, com classificação máxima. Ganhou o primeiro prémio do concurso de jazz de La Défense em 1999 e vários prémios de grupo com o trio de Mathieu Donarier, os Spice Bonés e o quinteto de Gueorgui Kornazov em 1999 e, em 2001, com o grupo Dr. Knock et Alerta G.

Pelas suas qualidades musicais e pela sua capacidade de se adaptar a universos muito diversos, é solicitado como *sideman* por muitos artistas (Daniel Humair a partir de 1999, a Orquestra Nacional de Jazz francesa em 2000, Erik Truffaz a partir de 2001, Henri Texier a partir de 2004, Elisabeth Kontomanou a partir de 2006, etc.). Em concertos e digressões viajou pela Europa, Estados Unidos, Irão, África do Sul, México. Tocou com músicos como Louis Sclavis, Pat Metheny, Michel Portal, Aldo Romano,

Tony Malaby, Anthony Cox, Marc Ducret, David Linx. Gravou o seu primeiro álbum como líder, *Songlines*, em 2006 para a editora BeeJazz e participou em dezena e meia de discos.

Christophe Marguet

bateria

Nasceu em 1965. Estudou com Jacques Bonnardel, Michel Sardaby, Keith Copeland. Tornou-se profissional aos 20 anos participando em *workshops* e *masterclasses* com Kenny Barron, Rufus Reid, Victor Lewis, David Liebman, Richie Beirach, Ron McLure, Billy Hart e John Abercrombie.

Tocou, entre muitos outros, com Barney Wilen, Ted Nash, Louis Smith, Wild “Bill” Davis Jr., Stéphane Grappelli, Enrico Rava, Paolo Fresu, Marc Ducret, Gianluigi Trovesi, Louis Sclavis, Barry Guy, Kenny Wheller, Anouar Brahem, Henri Texier.

Em 1993 fundou o seu próprio trio com S. Texier e Olivier Sens. Com esse grupo ganhou o primeiro prémio no concurso de jazz La Défense em 1995. O trio tocou em vários festivais e gravou o seu primeiro álbum, *Résistance poétique*, para a Label Bleu, recebendo o Django d’Or na categoria de melhor grupo revelação francês em 1997.

Tocou em vários países da Europa, América, África e Ásia e em numerosos festivais.

Participou na gravação da música de dois filmes de B. Tavernier.

Actualmente trabalha sobretudo com o seu próprio quarteto ou sexteto e em bandas como as de Eric Watson, Henri

Texier, Joachim Kühn, Joëlle Léandre, Claude Tchamitchian, Yves Rousseau.

François Corneloup

saxofones soprano e barítono

Nasceu em 1963. Saxofonista autodidacta, embora licenciado em musicologia, começou a tocar em 1979 em *workshops* de música improvisada. Entre 1985 e 1992 fez parte da Compagnie Luibat, uma orquestra de jazz liderada por Bernard Lubat. Começou a liderar os seus próprios projectos, nomeadamente um trio com Claude Tchamitchian (contrabaixo) e Eric Echampard (bateria), um quarteto com o mesmo baterista, Yves Robert (trombone) e Marc Ducret (bateria), o trio ULM. Paralelamente a estas experiências, colaborou, entre outros, com Sylvain Kassap, Gérard Marais, Louis Sclavis, Serge Bertocchi, Daunik Lazro, Marc Perrone, Y. Fanch Kemener, Bruno Chevillon... e colabora ainda actualmente com Henri Texier (Strada Sextet), Dominique Pifarely (conjunto Dédales), Héléne Labarrière (quarteto), François Raulin, Pascal Contet. Faz também parte do grupo Ursus Minor ao qual regularmente se junta Brother Ali. O grupo NEXT com D. Pifarely (violino), D. Magraw (guitarra), Jt Bates (bateria) e Chico Huff (baixo eléctrico) é um dos seus mais recentes projectos. De entre a sua discografia destacam-se os álbuns *Jardins Ouvriers* (1998), *Cadran Lunaire* (2000), *Pidgin* (2004). Em 2003 participa no CD *Lokomotiv* do trio de Carlos Barretto, gravado para a editora portuguesa Clean Feed.

L'Effet de Serge

O Efeito de Serge

Um espectáculo de
Philippe Quesne / Vivarium Studio

Teatro Seg 5, Ter 6 Outubro

Palco do Grande Auditório · 21h30

Dur. 1h15 · M12 · Espectáculo em francês
(com tradução parcial) e português



© Argyroglo Callias Bay

Concepção, encenação e cenografia Philippe Quesne
Com Gaëtan Vourc'h, Isabelle Angotti, Rodolphe Auté e Hermès, Zinn Atmane e alguns convidados **Produtora** Anaïs Rebelle
Produção Vivarium Studio 2007

Co-produção Ménagerie de Verre, no quadro das residências **Apoio** Forum scène conventionnée de Blanc-Mesnil, Festival actOral montévidéo e Culturesfrance Vivarium Studio é uma companhia convencionada da DRAC Île-de-France

No seu apartamento, Serge apresenta todos os domingos aos seus amigos espectáculos mínimos a partir de efeitos especiais. Criado para o actor Gaëtan Vourc'h, *L'Effet de Serge* interroga a forma do solo através da representação dentro da representação. Tabiques de gesso, uma porta-janela que dá para um jardimzinho, um bocado de alcatifa, TV, aparelhagem e mesa de pingue-pongue são os elementos de cenário reciclados de espectáculos anteriores: aliás, as

produções do Vivarium Studio começam normalmente pelo final do espectáculo anterior, e é por isso que Gaëtan entra vestido de cosmonauta...

Na compra de bilhete para os dois espectáculos, o segundo tem o preço especial de 5 euros. Em alternativa, traga o seu bilhete de L'Effet de Serge e pague 5 euros pelo de La Mélancolie des dragons.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

La Mélancolie des dragons

A Melancolia dos dragões

Um espectáculo de
Philippe Quesne / Vivarium Studio

Teatro Qui 8, Sex 9, Sáb 10 Outubro

Palco do Grande Auditório · 21h30

Dur. 1h15 · M12 · Espectáculo em francês,
com legendas em português



© Pierre Grosbois

Concepção, encenação e cenografia Philippe Quesne
Com Isabelle Angotti, Zinn Atmane, Rodolphe Auté e Hermès, Sébastien Jacobs, Émilien Tessier, Tristan Varlot, Gaëtan Vourc'h **Produtora** Anaïs Rebelle
Produção Vivarium Studio 2008

Co-produção Wiener Festwochen, Hebbel am Ufer, La rose des vents / Festival Next, Nouveau Théâtre CDN de Besançon e Franche-Comté, Ménagerie de Verre, Le Forum – scène conventionnée de Blanc-Mesnil, Le Carré des Jalles, Festival Perspectives **Apoio à criação** Centre National du Théâtre **Apoio** Região Île-de-France, Parc de la Villette e Culturesfrance Vivarium Studio é uma companhia convencionada da DRAC Île-de-France

Um carro parado na neve com uma banda de hard rock lá dentro, uma amiga que chega para os ajudar e um parque de atracções portátil que o grupo aproveita para mostrar – a ela e a nós.

O que Philippe Quesne, na linha dos seus espectáculos anteriores, explora é o facto de dramaticamente não haver nada em jogo. Entre as personagens, nem tensões, nem rivalidades, nem invejas, nada do que é suposto fazer uma intriga. Em suma, um antiteatro. Que recusa a distância, e portanto o julgamento. Nem ridículos, nem odiosos, nem sedutores, nem estúpidos, nem inteligentes, desprovidos de psicologia e mesmo de afecto, as suas personagens são no entanto incrivelmente humanas. (...) Porque ignora o cinismo, *La Mélancolie des dragons* abre para outro universo, uma espécie de utopia não violenta, atenta às coisas e às pessoas. Num mundo onde tudo tem de ser um acontecimento, Philippe Quesne escolhe a tangente, e isso faz bem.

René Solis, *Libération*, 21 Julho 2008

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
